

Marcílio explica proposta que fará ao Clube de Paris

15 FEV 1992
ESTADO DE SÃO PAULO
LETÍCIA BORGES

BRASÍLIA — A proposta brasileira para renegociação da dívida de US\$ 21 bilhões com o Clube de Paris terá pelo menos um “componente não-convencional”, antecipou ontem o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, aos embaixadores dos países que integram o Grupo dos Sete (Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, Itália, Japão, França e Alemanha). Além de fazer um pagamento simbólico a título de “gesto de boa vontade”, o País pedirá o reescalonamento dos créditos já renegociados — o que usualmente não é concedido pelo clube —, como forma de não comprometer a austeridade da política fiscal este ano.

Marcílio apresentou a proposta no café da manhã oferecido no Itamaraty aos embaixadores do Grupo dos Sete, que têm “voz predominante” no clube. O embaixador do Canadá, William Clarke, afirmou que a proposta é muito boa. Ontem mesmo, os embaixadores encaminharam a posição brasileira aos seus países.

A proposta tem quatro componentes, explicou Marcílio. Primeiro, o País está resolvendo “problemas precedentes para ter a lousa limpa, isto é, vai pagar os atrasados não-reescaláveis”. Segundo, apresentará uma proposta sem grandes novidades, por não estar pedindo descontos explícitos (apenas implícitos, como prazos mais longos e financiamento dos atrasados). Terceiro (referente à parte não-convencional, que necessita de maiores explicações, segundo o ministro), vai pedir o reescalonamento dos créditos já renegociados. Por último, quer igualdade entre credores oficiais e particulares, dentro da idéia de que os governos devem receber “tratamento conveniente” porque o País espera recursos novos.

Para facilitar as negociações, o País anuncia hoje, em Varsóvia, um acordo com a Polônia, numa demonstração de que como credor também age com boa vontade. O gesto é importante, ressaltou o ministro, porque os governos credores também levam isso em conta. “O acordo será mutuamente favorável”, afirmou.